

crescendo. Havia as exterioridades que não diziam tudo: “Foi a época das crônicas elegantes e frívolas de *Souvenir*, no *Diário de Notícias*, das caricaturas de Ângelo Agostini, dos folhetins de Ferreira de Araújo, dos primeiros sucessos de *Aranha Minor* (Alcindo Guanabara), dos romances naturalistas, da boemia literária, na Confeitaria Cailteau, dos encontros tempestuosos nos comícios de Lopes Trovão e José do Patrocínio, dos teatros, com Artur Azevedo e Moreira Sampaio nos cartazes”⁽¹⁶⁵⁾. Mas havia outros aspectos exteriores, mais incisivos: “Os cadetes aparecem aos sábados na rua do Ouvidor, fazendo colheita de entusiasmos no Café Londres. O *País*, a *Gazeta de Notícias*, o *Diário de Notícias*, ateando incêndios todas as manhãs, expõem o trono aos assaltos dos audaciosos. O *Isabelismo* nada vale. Nem mesmo a *guarda-negra*, com os reforços de capoeiras, contém a intrepidez da propaganda. Silva Jardim surgira com os estigmas dos evangelistas. A Praia Vermelha transformara-se em colmeia de agitadores”⁽¹⁶⁶⁾. A *Gazeta de Notícias* de 5 de novembro de 1888, realmente, noticiava o incidente com Euclides da Cunha, na Escola Militar. Artur Azevedo ingressava no jornal de Ferreira de Araújo, escrevendo crônicas; tivera de deixar o *Novidades*, de Alcindo Guanabara, por força da posição política mantida pela direção. Euclides da Cunha era acolhido pela *Província de São Paulo*, como colaborador, na seção intitulada “Questões Sociais”. O jornal de Rangel Pestana e Júlio de Mesquita apresentava-o assim: “É moço de muito talento e de vasta ilustração. Se quiséssemos ser indiscretos, diríamos que o seu nome, ainda há pouco, andou envolvido no grave incidente da Escola Militar do Rio de Janeiro, que se deu por ocasião da visita que o ministro da Guerra fez àquele estabelecimento”. A 22 de novembro, aparecia o primeiro artigo de Euclides, “A pátria e a dinastia”; o segundo foi “Revolucionários”, contendo a enfática afirmação: “o republicano brasileiro deve ser sobretudo eminentemente revolucionário”. A 27 de fevereiro de 1889, o jornal anunciava a ida de Euclides para o Rio: o “talentoso ex-aluno da Escola Militar” ia concluir o curso de Engenharia. Euclides espaçou a colaboração, assinada com o pseudônimo *Proudhon*.

A *Província de São Paulo* publicaria memorável editorial alusivo à Abolição e, no dia seguinte, uma nota: “A pátria sem escravos ainda não é a pátria livre. Agora começa o trabalho de libertar os brancos, assentando

tempo em que o senhor poderá votar por mim livremente; até lá, é como se o tivesse feito. . . Não devo dar-lhe um pretexto para fazer o que quer, invocando a intervenção do seu protetor. . .’ E saí, instando com a mulher, suplicando, com medo que se arrependesse e votasse em mim”. (Joaquim Nabuco: op. cit., págs. 219/220).

(165) Elói Pontes: op. cit., pág. 44.

(166) Elói Pontes: op. cit., pág. 60.